

A CRISTIANIZAÇÃO DO ESPAÇO: O PROTAGONISMO DA VERA CRUZ EM MARMELAR

Renata Cristina de Sousa Nascimento¹

Resumo: Desde cristianização da cidade de Jerusalém (século IV), as fronteiras da cristandade foram constantemente alteradas. Este fator intensificou-se no contexto medieval, devido à ocupação muçulmana tanto nas regiões do oriente, quanto na Península Ibérica. As ordens militares, surgidas após a Primeira Cruzada contribuíram significativamente para a consolidação deste processo. Em Portugal a Ordem de São João de Jerusalém, reconhecida pelo papado no século XII teve papel relevante, através do Priorado do Crato. Este era constituído em regime de comendas e bailias, unidades locais da implantação hospitalária na região. Entre estas comendas destaca-se a de Marmelar, por possuir em seu interior um fragmento venerado como sendo oriundo da *Vera Cruz*. Esta relíquia contribuiu para ampliar o patrimônio espiritual e o prestígio do local, sendo objeto de disputas, possuindo também importância política e demográfica.

Palavras-chave: espaço; território; relíquias.

CHRISTIANIZING THE SPACE: THE PROTAGONISM OF THE VERA CRUZ IN MARMELAR

Abstract: Since the Christianization of the city of Jerusalem (fourth century), the borders of Christendom were constantly changed. This factor intensified in the medieval context, due to the Muslim occupation both in the regions of the east, as the Iberian Peninsula. Military Orders, which arise after the First Crusade contributed significantly to the consolidation of this process. In Portugal the Order of St. John of Jerusalem, recognized by the papacy in the twelfth century played a significant role, through the Crato Priory. This consisted in commendations regime and bailias, local units of the hospitaller deployment in the region. Among these commendations, Marmelar's stands out in this text, by having in its interior a venerable fragment as derived from the Vera Cruz. This relic contributed to enlarge the spiritual heritage and prestige of the place, being subject of disputes, but also having political and demographic significance.

Keywords: space; territory; relics.

* Este artigo resulta de projeto de pesquisa de pós-doutoramento ("*O santo lenho em Portugal: uma relíquia de prestígio (séculos XIII e XIV)*"), realizado na Universidade do Porto (2015-2016), com financiamento da Capes.

¹ Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Participante do NEMED (Núcleo de Estudos Mediterrânicos- UFPR). Professora da Universidade Federal de Goiás, da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (Mestrado em História). E-mail: renatacristinanasc@gmail.com.

Introdução

As relíquias atribuídas a Cristo e aos santos eram, no contexto medieval, possuidoras de grande prestígio. Estes fragmentos tinham muitas utilidades, como a capacidade de atrair peregrinos, além de incentivarem o povoamento de uma região, servindo para a estruturação do espaço cristão no ocidente. Outro aspecto fundamental foram seus usos políticos. “As relíquias são realidades materiais que têm por objetivo aproximar o homem do sagrado, cumprindo um papel cultural e espiritual, sendo fundamentais para o entendimento das práticas, dos rituais e das crenças cristãs” (NASCIMENTO, 2014: 106). A partir do século IV a cruz foi paulatinamente se tornando o principal símbolo do cristianismo, adquirindo prestígio, contribuindo para a construção de uma identidade cristã, primeiramente na Terra Santa e depois em todo o ocidente. A partir da peregrinação realizada por Helena, mãe do imperador Constantino elaborou-se o relato da “descoberta” da Santa Cruz, além do achamento (*inventio*) do túmulo atribuído a Cristo em 327. Ao redor desta geografia sagrada o cristianismo reafirmou seus dogmas e tradições.

Halbwachs (1990) enfatiza a construção da memória coletiva, na qual se elaboraram representações, referenciais coletivos comuns, como no caso do cristianismo. Os espaços na Terra Santa foram ressignificados, localizados nas narrativas sobre a vida de Jesus, presentes nos Evangelhos.

Mas toda a religião tem também sua história, ou antes, há uma memória religiosa feita de tradições que remontam a acontecimentos geralmente muito distantes no passado, e que aconteceram em lugares determinados. Ora, seria muito difícil evocar o acontecimento se não imaginássemos o lugar que conhecemos, geralmente não porque o vimos, mas porque sabemos que existe, e que poderíamos vê-lo, que em todo o caso, sua existência está garantida através de testemunhas. Por isso que há uma geografia ou uma topografia religiosa. Quando as cruzadas chegaram a Jerusalém e se reapossaram dos lugares santos, não se contentaram em procurar os locais onde a tradição situava os principais acontecimentos narrados nos evangelhos. Localizaram amiúde mais ou menos arbitrariamente alguns detalhes da vida de Cristo ou da primitiva Igreja Cristã, guiando-se por vestígios incertos e mesmo, na ausência de todos vestígios, obedecendo à inspiração do momento. Depois, muitos peregrinos vieram rezar nesses lugares, formaram-se tradições novas, e temos hoje muita dificuldade para distinguir as lembranças dos lugares que remontam aos primeiros séculos da era cristã e tudo o que a imaginação religiosa lhes acrescentou (HALBWACHS, 1990: 157).

Estes são os cenários de recordações dos eventos sagrados, ocorridos naqueles locais. Após a passagem de Helena na Palestina se dá a formação de uma memória cristã, concretizada na edificação das Basílicas do Santo Sepulcro, da Natividade e na Via Dolorosa. Assim como os lugares, os objetos também se constituem em locais de memória. É neste sentido que a cruz representa o símbolo maior do sacrifício de Cristo pela humanidade. Possuir um fragmento deste objeto, por menor que fosse era fator de enorme prestígio e reconhecimento para a comunidade cristã, que reverenciava a santidade inerente a este vestígio. Ela poderia traduzir-se em fator de proteção contra doenças, a má sorte, as intempéries climáticas, traziam também força e coragem para o confronto bélico, especialmente contra os muçulmanos que habitavam as fronteiras com os reinos cristãos existentes na Península Ibérica. A distribuição destas relíquias, (que a tradição afirmava serem oriundas da verdadeira Cruz do Calvário), exerciam um enorme fascínio sobre os fiéis.

Esta conquista do espaço na Palestina irá influenciar a apropriação simbólica do território cristão em outros lugares. “Os cristãos tinham uma história e, doravante, também uma geografia” (PERRIN, 2008: 81). Além do território era preciso cristianizar o tempo. Este passou a ser guiado desde a antiguidade pelo crescimento contínuo das festas cristãs. O tempo público sofreu a influência direta da liturgia cristã. Outra alteração importante foi à aproximação entre os espaços dos vivos e dos mortos, sintetizados pelo aparecimento dos cemitérios intramuros, junto às igrejas e aos corpos dos mártires. “Pela capacidade de intercessão dos santos, mediante a matéria palpável dos seus despojos, quebravam-se as barreiras entre vivos e os mortos” (BEIRANTE, 2011: 77). Estar próximo a estes sagrados despojos reforçava a crença em seu poder miraculoso. O território regado pelo sangue dos mártires e santos simbolizava a consagração do local. Daí as celebrações, as peregrinações e o aparecimento das relíquias por contato, objetos santificados através da proximidade e sacralidade de seu possuidor. Conforme o estudo de Cymbalista (2011), há uma importante articulação entre a memória dos martírios, reproduzidas também através dos relatos hagiográficos, e a construção do território cristão, que poderia ser também santificado pela presença de um corpo ou de um objeto do qual emanava divindade.

Todas estas considerações iniciais são necessárias para a compreensão do significado da posse de uma relíquia relacionada à paixão de Cristo, especialmente um

fragmento do Santo Lenho considerado legítimo pela Igreja e pelos fiéis. Aqui nossa preocupação não se restringe ao seu valor espiritual, mas especificamente a seus usos políticos e sua apropriação pela Ordem do Hospital, em um contexto de definição de fronteiras. A Comenda do Marmelar, constituída no século XIII, adquiriu relevância por guardar o *Lignum Crucis*, A Cruz do Marmelar foi o centro irradiador do espírito cruzado vencedor na Batalha do Salado (1340)², sendo considerada portadora de qualidades miraculosas. Pretende-se discutir em que sentido esta propiciou a ocupação demográfica e econômica da região, sem perder de vista a especificidade dos espaços fronteiriços e do que podemos caracterizar como uma vila medieval, como no caso de Marmelar. Para Flocel Sabaté, a vila medieval ocupa um lugar de primeira ordem no desenvolvimento econômico, político e social de seu tempo, “em grande parte porque ela esboça uma via de coesão específica e identidade coletiva, com sua própria definição jurídica e um enquadramento específico do espaço físico” (SABATÉ, 2012: 231). Para fundamentar nossa análise usaremos como fonte parte do *Livro dos Bens de D. João de Portel-Cartulário do século XIII* e *A Comenda de Vera Cruz de Marmelar Corpus Documental (1258-1640)*. O prestígio da relíquia, expresso por concessões régias, intensificou os privilégios para quem fosse viver no lugar, contribuindo para superar os obstáculos de desenvolvimento da Comenda, como a escassez demográfica (NASCIMENTO, 2015).

A Ocupação do Território e a Ordem do Hospital em Portugal

As ordens militares podem ser entendidas como uma nova forma de monacato, representando uma mistura do espírito monástico com característica da cavalaria. Após a primeira cruzada (1096- 1099), alguns guerreiros se estabeleceram em Jerusalém e a partir de 1118 começaram efetivamente a escoltar os peregrinos que se dirigiam à Terra Santa. Esta é a gênese dos Templários, espécie de Cavaleiros- monges. Para Barthélemy, o chamado Cavaleiro de Cristo, se singulariza por sua disciplina, sua austeridade e uma espécie de profissionalismo. “E, de fato, o papel dos Templários, cavaleiros endurecidos, na defesa da Terra Santa é constante e decisivo no século XII” (BARTHÉLEMY, 2010: 344). A ocupação dos lugares sagrados desde a Antiguidade acelerou a peregrinação aos

² Para tanto, ver Fernandes (2011).

ambientes que rememoravam a vida e a morte de Cristo, o que foi intensificado após a criação do Reino de Jerusalém³. É neste contexto de peregrinação que se insere o surgimento da Ordem de São João do Hospital, servindo como base de apoio aos peregrinos que visitavam a Cidade Santa. Oficializada pelo papa Pascoal II em 1113, a Ordem deveria cumprir sua dupla função; caritativa e militar (NASCIMENTO, 2015). As condições precárias dos caminhos, a jornada penosa, somada ao esforço físico intenso fazia com que os peregrinos que se aventurassem até a Terra Santa necessitassem de cuidados especiais. Da matriz caritativa, iniciada pelos mercadores de Amalfi a Ordem do Hospital foi adquirindo também importância e patrimônio, tanto nos Reinos Latinos quanto no ocidente europeu. Este êxito ampliou-se para funções militares, em um contexto de expansão de territórios, conquista e definição de fronteiras, entre cristãos e muçulmanos. Os freires hospitalários eram divididos em três categorias; cavaleiros, sacerdotes e serventes. Do viés sócio-caritativo e de auxílio aos pobres à instituição foi se transformando, ampliando seus espaços de atuação para o belicismo.

Esta transição foi lenta e gradual e chamou a atenção do Papa Alexandre III, que nos anos 70 do século XII, insistia junto ao Grão-Mestre que a primeira obrigação dos freires era o cuidado dos pobres e que o empenho nas armas só seria aceitável quando a relíquia da Santa Cruz acompanhasse as hostes cristãs (COSTA, 2010: 21).

É importante notar a associação inicial dos Hospitalários à Vera Cruz, revelando sua proximidade intrínseca ao imaginário cruzadístico. No caso Ibérico, Paula Pinto Costa (2008/2009) assinala a importância da atuação dos papas Alexandre II (1061-1073) e Pascoal II (1099-1118), no estabelecimento da ordem na região. Alexandre II comparou a penitência, e consequente remissão dos pecados aos combatentes que se deslocassem até a Península, para lutarem contra o infiel, assim como ocorria no Oriente Próximo. O pontífice Pascoal II proibiu os guerreiros de origem peninsular de partirem em cruzadas até a Terra Santa, já que poderiam combater os muçulmanos em seu próprio território, concedendo também privilégios espirituais aos que nela participassem. Tanto a ordem do Templo, quanto do Hospital inserem-se no reino português desde o Condado Portucalense, aumentando o prestígio tanto de Henrique de Borgonha na região, quanto posteriormente

³ Ver Bordonove (2007).

do primeiro rei D. Afonso Henriques. Duas ordens de perfil internacional e que atuavam, cada uma em sua especificidade em uma zona periférica da cristandade, ampliando a ideia de cruzada, geralmente ligada ao oriente. A Ordem de São João do Hospital contribuiu inicialmente na assistência aos peregrinos que se deslocavam à cidade de Santiago de Compostela, na Galiza assegurando sua matriz original, fundando diversas casas ao longo do extremo ocidental peninsular. “No Priorado de Portugal, a primeira grande iniciativa no sentido de responsabilizar a Ordem em assuntos de natureza armada data de 1194, altura em que o rei D. Sancho I lhes doou a terra de *Guidimtesta*, atual Gavião” (COSTA, 2010: 21). Nesta região foi construído o castelo de Belver. A associação conflitiva, mas também colaborativa entre monarquia e hospitalários manteve-se durante todo o período medieval, embora esta dependesse diretamente do Sumo Pontífice, daí seu caráter internacional.

A Ordem de São João do Hospital teve várias sedes: Jerusalém, São João D’Acre, Chipre, Rodes e Malta⁴. Deste modo foi adquirindo também um caráter insular, de atuação mediterrânica, em defesa do avanço islâmico e turco nas fronteiras da cristandade. A consolidação dos hospitalários em Portugal foi gradativa, alargando seus espaços de atuação, contribuindo para a construção de fortalezas, igrejas e para o povoamento da região, ocupando inicialmente o território de Entre Douro e Minho. Nesta zona destaca-se a presença do complexo conventual de Leça do Balio. O único priorado em Portugal foi o do Crato, sendo que as comendas referem-se a um patamar inferior organizacional. Segundo Pagará (2006: 21) a documentação estabelece o ano de 1268, como a época da instalação da Ordem de São João no território de Marmelar, fronteira alentejana.

O Senhorio de Portel e D. João de Aboim

O Senhorio de Portel foi formado em 1257. Este é resultado da doação feita pelo rei Afonso III a D. João de Aboim, em uma região estratégica. “Neste processo foram momentos-chave a confirmação pontifícia do compromisso feito entre o senhor de Aboim e o bispo de Évora, em 24 de fevereiro de 1260” (COSTA, 2013: 208). O *Livro dos Bens de D. João de Portel* (2003: 10) diz que D. João de Aboim “foi fidalgo muito importante de

⁴ Carlos V cedeu a esta ordem a suserania na Ilha de Malta em 1530.

seu tempo, e pela influência que exercia no ânimo de D. Afonso III teve preponderância no governo do reino”. Foi, entre outros, mordomo-mor do reino e conselheiro do rei. Por ordem de D. Afonso III, elaborou, com outros o *Rejimento da Casa Real*, de 11 de abril de 1258⁵. Recebeu também do bispo e cabido da cidade de Évora a jurisdição de igrejas situadas em suas terras. Segundo Costa (2013: 208-209) esta jurisdição garantia algumas obrigações, a saber:

- 1- Os patronos deveriam pagar anualmente ao bispo de Évora a 5ª parte do pão, vinho, linho, animais abatidos... porém, seus sucessores pagariam um valor superior consubstanciado na 4ª parte dos mesmos bens.
- 2- O bispo visitaria anualmente as igrejas e cobraria 100 soldos da moeda usual, além de outros víveres.
- 3- Os reitores das igrejas teriam que estar presentes no sínodo episcopal e ser obedientes ao bispo.
- 4- Nas igrejas fundadas com a autorização episcopal, D. João de Aboim poderia reter metade de todos os bens.

Em 1271 D. João Peres de Aboim e sua mulher concederam à Ordem do Hospital o padroado da igreja de Santa Maria de Portel, bem como de todas as igrejas do termo da referida localidade, definindo as respectivas condições. É importante a reprodução deste documento.

[fl 74r] Em nome de Deos Padre Todo Poderoso e da Benta [sic] Santa Maria saa Madre amen. Porque os homens são mortais, e a lembrança dos feitos, que fazem não pode sempre estar nos coraçóis dos homens, que depois nascem, por onde foi achada a escretura, que as cousas dos passados por força, e por firmedoem em a escritura sejam sempre presentes, e por onde conhecida cousa seja a quantos esta presente carta virem, que eu D. João Pires de Aboim, mordomo mór do senhor D. Afonso 3º pella graça de Deus Rey de Portugal, em sembra com minha mulher Dona Marinha Afonso damos e outorgamos á Ordem do Hospital de Sam Joanne de Jerusalem por nossas almas, e de nossos passados padres, e de nossas madres, e de nossa linage, e remimento de nossos pecados, o padroado da nossa Igreja de Santa Maria de Portel, e de todas as outras igrejas, que se fezerem em Portel, e em todo o seu termo por herdamento para sempre, assim para os que hora sam, como para os que depois forem na Ordem do Hospital por tal preito e so tais condições⁶.

⁵ AZEVEDO, Pedro de. *Livro dos Bens de D. João de Portel, Cartulário do século XIII*. Op cit. 2003: 16.

⁶ Documento referido em Fonseca e Lencart (2013: 55).

Mais adiante o documento ainda expressa: “E que sempre seja cabeça de bailiagem este mosteiro do Marmelar, e a morada do comendador e dos freires seja sempre esse mosteiro do Marmelar...”. A partir daqui percebe-se o destaque dado a Marmelar, que é designado como cabeça de bailagem. Além disso, aparece no documento a questão da localização do mosteiro “e para manter, e para guarda desse castello de Portel; porque **está em fronteira**, e há sempre de ser guardado” (grifo nosso)⁷. E novamente “e por muitas cartas, que fizemos em esse lugar de Portel, e porque era fronteira de mouros, e de christaos, he lugar de gram guerra, e de gram custa, e de gram perigo”⁸. Neste momento ainda não é feita nenhuma referência ao Santo Lenho, que provavelmente ainda não encontrava-se nesta região. Este fato sugere sua presença em data posterior à Batalha do Salado (1340), embora exista uma tendência mais tradicional, baseada no Agiologio Lusitano⁹, em apontar Frei Afonso Pires de Farinha como o responsável por trazer a Santa Relíquia da Palestina, o que hoje não mais encontra sustentação. (NASCIMENTO, 2015). Este fato mostra a existência de disputas dentro da ordem pela posse da relíquia. Os Góis/Farinha, posteriormente associados ao traslado da Vera Cruz, como oriunda diretamente de Jerusalém e os Pereira, protagonistas na memória construída ao redor da Batalha do Salado, através da figura de Frei Álvaro Gonçalves Pereira¹⁰.

A Relíquia do Santo Lenho em Marmelar

Por seu grande significado espiritual e identitário a cruz de Cristo, conforme já afirmamos representa um elo entre os homens e Deus. Instrumento de martírio sua

⁷ Fonseca e Lencart (2013: 57).

⁸ Fonseca e Lencart (2013: 60).

⁹ Segunda notícia do santíssimo lenho do Agiologio Lusitano, composto pello Ilustre Jorge Cardozo no Tomo 3º folha 55 e diz a noticia depois de haver tratado o author de outras couzas — as palavras seguintes: (...) esta Famoza relliquia trouxe de Hierusalem Fr. Affonso Pires Farinha Prior do Hospital, o qual edificou este mosteiro [de Marmelar] à instância do illustre D. João de Aboim (...). He certo, segundo a tradição e voz constante, que vinha esta relliquia a Sé de Évora deregida e chegando ao lugar da Fonte Santa, nunca a mula que a trazia quis passar adeante athe que lhe foi tirada a sagrada carga e para que não service em profanos uzos, estalou de repente, com admiração de todos, que ali se acharão; e para ficar mais famoso o prodígio brotou a terra hum canal de agoa que houje persevera com o titulo da Fonte Santa. E conforme a mesma tradição consta que o Arrieiro metendo na terra a vara com que picava a mula, em continente se vio hum fermozo pinheiro de que ainda há memorias, e de que levando os romeiros feito em cruces obrava por ellas o Ceo grandes maravilhas; tudo isto consta da tradição à qual nada acrescento, e ainda houje por maravilha se conserva o pé do dito pinheiro tão fresco e verde, que he admiração de todos... (PATALIM, 1730).

¹⁰ Ver Fernandes (2003).

consagração e importância simbólica excede sua materialidade, mesmo em minúsculas proporções. Todas as relíquias associadas à paixão do salvador foram objetos de veneração e disputas intensas no seio da cristandade. Mas, qual seria o momento da incorporação do fragmento do Santo Lenho ao patrimônio da Igreja de Marmelar? Segundo Costa (2013), não há prova documental coeva de que tenha sido Frei Afonso Farinha seu portador, conforme afirma a tradição de origem hagiográfica. A questão é polêmica, pois a primeira referência documental que estabelece relação próxima entre a relíquia e Marmelar é o testamento do rei D. Dinis de 1322. Não há também consenso quanto ao momento exato em que o Mosteiro de Marmelar começou a funcionar no regime de comenda. Este fato não impede a constatação de sua importância.

A Comenda da Vera Cruz de Marmelar (surgindo com esta designação, pelo menos, a partir do reinado de D. Afonso IV, facto que se relaciona com a intensificação do culto da relíquia do Santo Lenho) tornou-se uma das comendas mais importantes do ramo português da Ordem do Hospital. Os tombos que consultámos relativos à Comenda de Vera Cruz existentes nos Arquivos Nacionais Torre do Tombo, dão-nos uma imagem da riqueza que esta possuía no século XVII ao nível de património fundiário e respectivas produções e rendas, o que atesta seu vigor económico (PAGARÁ, 2006: 37).

Fato é que a relíquia da Vera Cruz de Marmelar ficou mais conhecida através das narrativas sobre a vitória dos cristãos em 1340. Sendo a partir daí que o Santo Lenho foi dividido entre o mosteiro de Marmelar e a Sé de Évora. O Lenho foi guardado em um relicário de prata, mandado fazer pelo Condestável Nuno Álvares Pereira, conforme as imagens abaixo. Este foi objeto de devoção, peregrinação e povoamento para a região alentejana.

A CRISTIANIZAÇÃO DO ESPAÇO: O PROTAGONISMO DA VERA CRUZ EM
MARMELAR



Relicário do Santo Lenho (Igreja de Vera Cruz de Marmelar).



Igreja de Vera Cruz de Marmelar (Vista externa)

Fonte: <http://mw2.google.com/mw-panoramio/photos/small/3978535.jpg>

Foi através da refundição do *Livro de Linhagens*, que foi atribuído grande protagonismo ao Prior do Hospital Frei Álvaro Gonçalves Pereira. Este teria a posse da relíquia durante o confronto, a qual teria garantido a vitória dos cristãos no Salado. O texto da *Crónica de D. Afonso IV*, de autoria de Ruy de Pina nos oferece este relato: “logo elRey mandou a Dom Aluaro Gil de Pereira, Prior do Crato, que antes de encontrarem

mostrasse o Lenho da vera Cruz, que levava do Marmelar, o qual trouxe logo hum Clerigo reuestido, posto em huma hastea aleuantada como bandeira...” (PINA, 1936: 168). A intencionalidade discursiva, presente no texto da crônica, nos conta sobre a intervenção do maravilhoso, através da fé no Santo Lenho, cumprindo assim as palavras proféticas de Dom Álvaro. Outra referência ao *Lignum Crucis* de Marmelar foi o testamento de D. Dinis (1261-1325), no qual consta que este monarca teria mandado devolver a relíquia do Santo Lenho, que havia pedido emprestada para sua devoção particular:

En nome de Deus Amen. Eu Don Denis pela graça de Deus Rey de Portugal e do Algarve temendo Deus e dia de mha morte e consiirando o dia do Juyzo de Deus a que hey de viinr en mha saude e con todo meu entendimento comprido faço meu testamento en esta guisa. [...] Porque tenho por ben e mando que torne logo ao Marmelar a Cruz de Ligno Domini que ende eu mandei filhar enprestada caa non filhey eu senon por devoçon que en ela avya e con entençon de a fazer tornar hu ante siia¹¹.

Este fato demonstra o prestígio atribuído ao objeto, sua sacralidade reconhecida e reverenciada também pela monarquia, daí a relevância para o território que ocupava. Também o rei D. Afonso V (1432- 1481), teria instituído feira no local no dia 03 de maio, durante a festa religiosa da Invenção da Cruz. Outra atitude tomada por este monarca refere-se a guarda da relíquia; “A quantos esta Carta virem. Fazemos saber que por honra della santa Vera Cruz damos privilegio a Santa Vera Cruz do Marmelar que quarenta homens que morarem e povoarem em dito lugar sejam privilegiados. Também concede privilégios aos que fosse viver lá; “asy em dito lugar de Santa Cruz de marmellar continuamente morarem e povorarem, e queremos que daqui em diante nom paguem em peitas fintas talhas nem pedido nem emprestidos nem em outros nenhuns encarregos”¹².

De fato em vários outros documentos atesta-se a importância simbólica e econômica da presença do Santo Lenho nas fronteiras alentejanas, contribuindo para a cristianização do espaço e para o avanço da ocupação demográfica, em uma época de intensas disputas entre os reinos cristãos, e a ameaça constante dos muçulmanos.

¹¹ Documento referido em Fonseca e Lencart (2013: 85).

¹² Documento referido em Pagará (2006).

Considerações finais

A memória cristã enfatiza a importância do corpo, enquanto morada de Deus, sendo o próprio Cristo encarnado, vivendo também em uma dimensão temporal, testemunhada pelas Sagradas Escrituras. A busca pela realidade corporal de Cristo, vestígios de sua passagem sobre a terra contribuiu para o aumento do prestígio de relíquias que simbolizassem esta presença histórica, o que geraria para os fiéis um contato tátil com sua existência material. A religiosidade popular, incentivada em sua devoção atingiria extremos, começou-se a buscar incessantemente na Terra Santa e depois em Constantinopla relíquias atribuídas a Cristo e aos santos.

Não apenas as da verdadeira cruz (a madeira, os pregos, a santa lança etc), ou das imagens que traziam a impressão de seu corpo e seu rosto (como a Verônica, conservada em São Pedro de Roma), mas fragmentos do corpo criança (o santo Prepúcio, principalmente em Charroux e em Roma), ou gotas do Precioso Sangue (em Bruges ou em Londres, entre outras) (SCHMITT, 2004: 314).

A atribuição valorativa a estes símbolos da existência terrena do Cristo atingiu proporções enormes, obrigando o papado a controlar sua redistribuição, tentando evitar sua falsificação e reprodução descontrolada. Também os reformadores no século XVI irão centrar suas críticas sobre a eficácia destes objetos sacralizados pela igreja e pelos fiéis. Independente destes fatores o culto às relíquias intensificou-se, e a existência destes vestígios em uma região era fator de atração de multidões de peregrinos, como em Jerusalém, Roma e também em Santiago de Compostela. Em Portugal merece destaque o fragmento existente na região do Marmelar, que desde o século XIV serviu como incentivo à ocupação da região, além de contribuir para a áurea mística criada ao redor da Igreja de Santa Cruz. O que José Mattoso (2001) chama de poderes invisíveis, capazes de transformar a morte em vida, cooptando o imaginário do homem medieval. A ordem que nele reinava devia transmitir-se também ao mundo visível, palpável, daí a sacralização dos objetos tornar-se algo comum, expressão da religiosidade humana. O que também se fazia sentir na localidade em que estava inserido, contribuindo para a identidade local e ampliação de suas fronteiras.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Pedro de (publicação de). *Livro dos Bens de D. João de Portel, Cartulário do século XIII*, Lisboa: Câmara Municipal de Portel e Edições Colibri, 2003.

BARTHÉLEMY, Dominique. *A Cavalaria*. Da Germânia antiga à França do século XII. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

BEIRANTE, Maria A. *Territórios do Sagrado: crenças e comportamentos na Idade Média em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri, 2011.

BORDONOVE, Georges. *Les croisades et le royaume de Jérusalem*. Paris: Pygmalion, 2007.

COSTA, Paula M. P. A ordem militar do Hospital em Portugal: dos finais da Idade Média à Modernidade. *Militarium Ordinum Analecta*, v. 3/4, 1999/2000.

Idem; PIMENTA, Maria C. A Cruzada e os objetivos fundacionais das ordens religioso-militares em Portugal. *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, v. 15 (Separata), 2008/2009.

Idem. *A presença dos hospitalários em Portugal*. Gavião: Ramiro Leão, 2010.

Idem. História da Comenda (Marmelar). In: FONSECA, Luís A. da. *Fontes para o estudo das ordens religioso-militares*. Comendas das ordens militares: perfil nacional e inserção internacional. *Militarium Ordinum Analecta*. Porto: Fronteira do Caos Editores, 2013, p. 207-234.

CYMBALISTA, Renato. *Sangue, ossos e terras*. Os mortos e a ocupação do território luso-brasileiro. São Paulo: Alameda, 2011.

FERNANDES, Fátima R. *Sociedade e poder na Baixa Idade Média Portuguesa: dos Azevedo aos Vilhena: as famílias da nobreza medieval portuguesa*. Curitiba: Editora UFPR, 2003, p. 146-155.

Idem. O poder do relato na Idade Média portuguesa: a Batalha do Salado de 1340. *Revista Mosaico*, Goiânia, v. 4, p. 75-91, 2011.

FONSECA, Luís A. da; COSTA, Paula P.; LENCART, Joana (org.). *A Comenda de Vera Cruz de Marmelar Corpus Documental (1258- 1640)*. Porto: Militarium Ordinum Analecta-Fontes para o Estudo das Ordens Religioso-Militares, 2013.

GUIMARAES, Marcella Lopes. *Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e Narrativas Ibéricas Medievais*. Curitiba: UFPR, 2013.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

A CRISTIANIZAÇÃO DO ESPAÇO: O PROTAGONISMO DA VERA CRUZ EM
MARMELAR

MATTOSO, José. *Poderes Invisíveis. O Imaginário Medieval*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001.

NASCIMENTO, Renata Cristina de S. A relíquia do Santo Lenho em Portugal: Narrativas de Milagres. *História Revista*, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 105-120, 2014.

Idem. “Aos pés da Santa Cruz”: a relíquia da Vera Cruz em Marmelar (séculos XIII e XIV). *Revista de História da UEG*, Anápolis, v. 4, n. 1, p. 254-263, 2015.

PAGARÁ, Ana et al. *Igreja Vera Cruz de Marmelar*. Portel: Página Editores, 2006.

PERRIN, Michel-Yves. Cristianização do espaço e cristianização do tempo. In: CORBIN, Alain (dir.). *História do Cristianismo*. Lisboa: Presença, 2008, p. 79- 82.

PINA, Rui de. *Crónica de El Rei Dom Afonso o Quarto*. Lisboa: Biblion, 1936.

RAMOS, Rafael C. Arquitectura fronteriza portuguesa: la Vera Cruz de Marmelar, un enclave de la reconquista lusa. *Laboratório de Arte 21*, Sevilha, p. 37-65, 2008/2009.

SABATÉ, Flocel. L'espace des minorités ethniques et religieuses: les juifs dans les villes catalanes au Bas Moyen Âge. In: Idem; GUILLERÉ, C. (dir.). *Morphologie et identité sociale dans la ville médiévale hispanique*. Chambéry: Université de Savoie, 2012, p. 231-286.

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo, os ritos, os sonhos, o tempo*. Ensaios de antropologia medieval. Petrópolis: Vozes, 2004.

Data de recebimento: 14/09/2016

Data de aceite: 25/10/2016